

---

## **Artigos**

---



# Uma nova igreja numa nova era: uma aproximação ao *Praephatio Super Apocalypsim* de Joaquim de Fiore

*Valtair A. Miranda*<sup>1</sup>

## RESUMO

O *Praephatio Super Apocalypsim* é a reunião de dois pequenos tratados no qual o abade Joaquim de Fiore, que viveu de 1135 até 1202, faz uma apresentação da relação entre o Apocalipse de João, último livro do cânon das Escrituras cristãs, e a história da Igreja.

## PALAVRAS-CHAVE

Joaquim de Fiore. Apocalipse de João. História da Igreja.

## ABSTRACT

The *Praephatio Super Apocalypsim* contains two small treatises in which the abbot Joachim de Fiore, who lived from 1135 to 1202, made a presentation of the relationship between the Revelation of John, the last book of the canon of Christian Scripture, and church history.

## KEYWORDS

Joachim de Fiore. Revelation of John. Church History.

---

<sup>1</sup> Valtair A. Miranda, doutor em Ciências da Religião (UMESP), doutorando em História (UFRJ/PPGHC/PEM).

O *Praephatio Super Apocalypsim*, doravante chamado *Praephatio*, é a reunião de dois pequenos tratados<sup>2</sup> no qual o abade Joaquim de Fiore, que viveu de 1135 até 1202<sup>3</sup>, faz uma apresentação da relação entre o Apocalipse de João, último livro do cânon das Escrituras cristãs, e a história da Igreja.

Estes dois tratados foram reunidos primeiramente por Johannes Huck numa edição crítica de 1938<sup>4</sup>, mas ele os confundiu com outra obra de Joaquim, o *Enchiridion super Apocalypsim*<sup>5</sup>, cujo texto é consideravelmente maior. A edição mais recente do *Praephatio* corrigiu o equívoco, e foi dela que partiu a tradução de Noeli Dutra Rossatto para o português<sup>6</sup>.

Este problema de relacionamento entre as obras de Joaquim se deve ao seu método de trabalho. Durante décadas, ele trabalhou e amadureceu sua interpretação do Apocalipse, deixando como resultado vários documentos diferentes que trabalham o mesmo tema.

Os tratados constantes no *Praephatio* foram retirados de dois manuscritos<sup>7</sup>: o MS. Latin 2142 da Biblioteca Nacional de Paris, datado

<sup>2</sup> A definição dos dois textos do *Praephatio* como “tratados” vem de: TAGLIAPIETRA, Andrea. *Gioacchino da Fiore: Sull’Apocalisse*. Milano: Feltrinelli, 2008, p. 92.

<sup>3</sup> Para elementos biográficos de Joaquim, conferir: DANIEL, E. Randolph. *Abbot Joachim of Fiore. Liber de Concordia Novui ac Veteris Testamenti*. Philadelphia: The American Philosophical Society, 1983, p. xi-xxii; TRONCARELLI, Fabio. *Gioacchino da Fiore: la vita, il pensiero, le opera*. Roma: Città Nuova Editrice, 2002, p. 36; WEST, Delno C.; ZIMDARS-SWARTZ, Sandra. *Joachim of Fiore: a Study in Spiritual Perception and History*. Bloomington: Indiana University Press, 1983, p. 1-9.

<sup>4</sup> HUCK, Johannes. *Joachim von Floris und die joachitische Literatur*. Freiburg: Herder & Co., 1938.

<sup>5</sup> A edição crítica do *Enchiridion* está em: BURGER, Edward K. *Joachim of Fiore: Enchiridion super Apocalypsim*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1986.

<sup>6</sup> ROSSATTO, Noeli Dutra. Introdução ao Apocalipse. *Veritas*, Porto Alegre, v. 47, n. 3, 2002, p. 453-471. O professor Rossatto seguiu o texto crítico de SELGE, Kurt-Viktor. *Gioacchino da Fiore – Introduzione all’Apocalisse*. Roma: Viella, 1995. Outra tradução em português pode ser encontrada em: BERNARDI, Orlando. Comentário ao Apocalipse (Expositio in Apocalypsin). Joaquim de Fiori. *Scintilla*, Curitiba, v. 7, n. 2, 2010, p. 229-257.

<sup>7</sup> As informações sobre os manuscritos são de BURGER, Edward K. *Joachim of Fiore: Enchiridion super Apocalypsim*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1986. p. 5. Além destes dois principais MS, fragmentos do *Praephatio* ainda podem ser encontrados no MS Latin 3822, do final do séc. XIII, no MS Latin 682, do séc. XIII, no MS Harley 3969 do Museu Britânico, do séc. XIII, e no MS Sachs. Landesbibl., de

do final do séc. XIII e o MS. Reginensis Latinus 132, da Biblioteca do Vaticano, explicitamente localizado pelo seu escriba no ano de 1346. O primeiro MS. é um pergaminho de 134 páginas de 29 por 21 centímetros, escrito em duas colunas de 35 linhas cada. Na penúltima página existe um *ex libris* indicando a propriedade da abadia de Bonport na diocese de Evreux, na Normandia. O primeiro tratado está nas páginas 96-99; o segundo nas páginas 99-103. Da página 103 até a 133 o MS. contém o *Enchiridion super Apocalypsim*. Antes das obras de Joaquim, o MS. ainda apresenta breviários, listas de casamentos, o *Collationes* de Cassiano, o *Homilia* de Leão IV e diversos conselhos anônimos sobre a vida monástica. O segundo MS. é um códex de 29 por 19 centímetros, de 106 folhas, em duas colunas de trinta e sete linhas cada. Um tratado de Joaquim vai da página 49-53, outro da 53-58, seguidos também pelo *Enchiridion* nas páginas 58-95. O códex ainda contém dois sermões de Agostinho, o *Elucidarium* de Honorio de Autum e uma coletânea anônima de profecias.

Para o historiador McGinn, o *Praephatio* talvez represente o primeiro texto exegético redigido por Joaquim sobre o Apocalipse<sup>8</sup>, sucedido depois pelo *Enchiridion*, e por fim pelo *Expositio in Apocalypsim*<sup>9</sup>, entendido como seu comentário final a respeito da obra canônica de João, concluído pouco antes de sua morte.

### A produção do *Praephatio*

Para localizar o momento de produção do *Praephatio* talvez seja útil recorrer às três inflexões do pensamento de Joaquim apontadas pelo historiador E. Randolph Daniel<sup>10</sup>. Segundo ele, o pensamento do abade

---

Dresden, do séc. XIII para o XIV. Conferir REEVES, Marjorie. *The influence of prophecy in the later Middle Ages: a study in Joachimism*. London: University of Notre Dame Press, 1993, p. 514.

<sup>8</sup> MC GINN, Bernard. *The Calabrian Abbot*. Joaquim of Fiore in the History of Western Thought. New York: Macmillan Publishing Co., 1985, p. 50.

<sup>9</sup> O *Expositio in Apocalypsim* está sem edição crítica, mas pode ser encontrado como fac-símile em JOAQUIM VON FIORE. *Expositio in Apocalypsim*. Frankfurt: Minerva, 1964.

<sup>10</sup> DANIEL, 1983, p. xii-xxii.

calabrês passou por três momentos importantes. Um primeiro se deu durante sua peregrinação à Palestina, em 1167, após deixar a corte normanda de William II em Palermo, na Sicília, onde atuara como notário. Ao retornar desta viagem Joaquim já inicia a pregação do que seria o paralelo entre as perseguições do antigo Israel e as perseguições da Igreja. Esta relação entre Israel e a Igreja, entre o Antigo e o Novo Testamento, recebeu de Joaquim o nome de *concordia*, e constitui-se no seu primeiro esquema organizar da história.

Um segundo momento de inflexão se dá já com Joaquim na função de abade do monastério beneditino de Corazzo, na Calábria. Nesta posição, ele tentou levar sua casa para a Ordem Cisterciense, cujo expoente era Bernardo de Claraval (1090-1153)<sup>11</sup>. Foi com esse objetivo que ele viajou para a abadia de Casamari, cerca de 95 quilômetros ao sul de Roma, chegando ali entre o final de 1182 e início de 1183. Ficou naquele local por oito meses.

Joaquim desejava não apenas levar seu monastério para a Ordem de Cister, mas também conseguir desta uma autorização para escrever suas obras. Como não obtinha sucesso em Casamari, ele aproveitou uma visita do papa Lucius III (1181-1185) a Veroli, pouco menos de 10 quilômetros de distância de onde estava, para conseguir pelo menos a autorização papal para o segundo objetivo. Obteve sucesso, e logo começou a trabalhar freneticamente. Ainda em Casamari, auxiliado por escribas, ele ditava e corrigia simultaneamente trechos do que posteriormente serão suas grandes obras: *Concordie*, *Expositio* e *Psalterium*. É neste contexto que se dá sua segunda grande inflexão de pensamento. Joaquim afirmou que, durante uma crise com a doutrina da Trindade, ele teria recebido a revelação do mistério trinitário na forma de um Saltério de dez cordas, que ele passa a usar para explicar o mistério de três pessoas em apenas uma divindade. Com isso, um segundo importante elemento se agrega à estrutura de pensamento do abade: à concórdia entre os dois testamentos, que Joaquim usava para relacionar a história de Israel com a história da Igreja, o abade acrescenta agora a ação das pessoas da Trindade na história.

---

<sup>11</sup> Joaquim tem grande admiração pelo abade de Clairvaux. Cf. WEST; ZIMDARS-SWARTZ, 1983, p. 37.

Joaquim retorna para Corazzo em 1184 ou 1185. Ali, durante o processo de análise do Apocalipse de João, ele promove uma terceira inflexão no seu pensamento. Nos termos de Joaquim, ele recebeu “com clareza de entendimento na mente o que foi revelado completamente no Apocalipse e a inteira *concordia* do Antigo e Novo Testamentos”<sup>12</sup>. O que Joaquim encontrou foi uma chave para relacionar o Apocalipse joaquino, sua estrutura na forma de igrejas, selos, trombetas e taças, com seu pensamento já consolidado: as duas perseguições e a intervenção da Trindade na história.

Joaquim ainda conseguiu a renovação da autorização para a produção de suas obras do papa Urbano III (1185-1187) em Verona, e em 1188 do papa Clemente III, durante uma visita a Roma. Neste mesmo ano, em busca de tranquilidade para escrever, retirou-se para um lugar afastado cerca de 60 quilômetros, nas montanhas remotas de Sila, em S. Giovanni de Fiore. Neste lugar, novos monges se juntaram a Joaquim, dando início a um monastério, que em 1194 conseguiu uma carta de reconhecimento do imperador Henrique VI, bem como a garantia de um dote anual<sup>13</sup>. Subsequentemente, em 25 de agosto de 1196, surgiu a aprovação formal do papa Celestino III (1191-1198) para a constituição da Ordem de Fiore, tendo Joaquim como abade.

Joaquim termina sua grande exposição do Apocalipse de João em 1200 e o envia a Inocêncio III, junto com *Concordia* e *Psalterium*. Morreu em 30 de março de 1202 sem receber uma resposta do papa quanto às suas obras.

Estes elementos nos ajudam a indicar uma data aproximada de produção do *Praephatio*. Seu conteúdo depende das três inflexões apontadas por Daniel, o que nos levaria a indicar o *terminus a quo* como o final de 1184 e início de 1185, em Corazzo, após o retorno de Casamari. O *terminus ad quem* teria que ser 1200, ano da produção final do *Expositio*,

<sup>12</sup> JOAQUIM VON FIORE. *Expositio in Apocalypsim*. Frankfurt: Minerva, 1964. fol. 39rb-va. Esta tradução foi extraída, entretanto, de: MC GINN, Bernard. **Visions of the End: Apocalyptic Traditions in the Middle Ages**. New York: Columbia University Press, 1979, p. 130.

<sup>13</sup> O dote anual era de 50 moedas de ouro bizantinas. Sobre a relação de Henrique VI com Joaquim, especialmente após a morte de William II, conferir: DANIEL, 1983, p. xx.

já em Fiore. Neste período de cerca de 16 anos, Joaquim gera repetidas reflexões sobre o Apocalipse, a concordia dos testamentos, a história da Igreja e o envolvimento da Trindade na história humana. Como as duas partes do *Praephatio* se parecem com sermões a respeito do Apocalipse, poderíamos arriscar a sugestão de que eles teriam sido pregados por Joaquim para outros monges durante o breve período que passou em Corazzo após o retorno de Casamari, ou para os monges do monastério que fundou em Fiore.

### **Estrutura e conteúdo**

O primeiro tratado começa com a expressão: “O Livro do Apocalipse é o último de todos os livros escritos com espírito de profecia incluído no catálogo das Sagradas Escrituras”<sup>14</sup>. Abaixo apontamos uma sugestão de estrutura e a síntese do seu conteúdo.

1. Prólogo. O último livro do Novo Testamento é a chave para desvendar as “obras de Cristo”, as que estão completas e as que estão se completando.

2 – A Trindade e a história. Após uma queda original, o ser humano caminha num processo de desenvolvimento histórico, impulsionado pela atuação das pessoas divinas: Pai, Filho e Espírito Santo.

3 – As profecias escondidas no Apocalipse. O sentido da história está condensado profeticamente no Apocalipse de João, por meio de uma leitura que ultrapassa o sentido literal e avança para além das “palavras místicas”. É um tesouro que precisa ser escavado.

4 – As idades do mundo e o Apocalipse. Cada um dos tempos históricos está associado com uma parte do Apocalipse de João.

5 – As seis idades do mundo. Cinco pertencem ao Antigo Testamento e uma ao Novo Testamento. A primeira idade vai de Adão até Noé; a segunda, de Noé até Abrão; a terceira, de Abrão até Davi; a quarta, de Davi até o cativo na Babilônia; a quinta, do cativo da Babilônia até a vinda de Cristo; a sexta começa com a vinda de Cristo e termina no descanso sabático.

---

<sup>14</sup> ROSSATTO, 2002, p. 453.

6 – As profecias seladas. As profecias não foram escritas para seu próprio tempo, mas ficaram ocultas para serem reveladas no momento estabelecido. O conteúdo oculto do Apocalipse não poderia ser desvelado antes da hora.

7 – A sexta idade subdividida em seis fases e a relação entre a estrutura dos sete selos e as perseguições paralelas de Israel e da Igreja. A sexta idade, que começa em Cristo e se estende até o descanso sabático, está subdividida em outras seis pequenas idades. A história de Israel e da história da Igreja aproximam-se por meio do paralelo dos sete conflitos. Foram sete conflitos enfrentados por Israel entre o tempo de Jacó e o de Cristo. Igualmente, serão sete conflitos enfrentados pela Igreja entre Cristo e o *sabbat*. Tanto um como outro aparecem veladamente nos sete selos do Apocalipse.

8 – O método de leitura do Apocalipse. Nos termos do *Praephatio*, “se quisermos chegar à doçura da noz é necessário remover primeiro o invólucro exterior, depois a casca, e assim chegar-se em terceiro lugar ao núcleo”<sup>15</sup>. Busca-se não a letra do Apocalipse, mas os mistérios nele subjacentes, só encontrados por meio de uma “inteligência espiritual”.

9 – A história dividida em tempos de cinco e sete idades. O esquema tradicional das seis idades é ampliado. São cinco idades até Cristo. A sexta idade vai de Cristo até o *sabbat*, subdividida em seis partes. O *sabbat* constitui, então, a sétima idade do mundo. O esquema final tem dois grupos de idade: cinco idades do Antigo Testamento; sete idades do Novo Testamento.

10 – As idades do mundo vislumbradas na organização das doze tribos de Israel. Das tribos de Israel, cinco receberam sua porção de terra primeiramente, e representam as idades anteriores a Cristo. Estas foram, por sua vez, divididas em dois grupos: duas tribos e meia receberam terras antes do rio Jordão e outras duas tribos e meia, após o Jordão. As que ficaram antes do rio representam o tempo anterior à Lei; as demais, o tempo posterior à Lei. Já as sete tribos que receberam a herança apenas no final do tempo da conquista de Canaã representam as sete partes que subdividem a sexta idade, aí incluído o *sabbat*.

11 – A concórdia entre as tribos de Israel e as Igrejas. As cinco primeiras tribos apontam para cinco igrejas dos primórdios: Jerusalém,

<sup>15</sup> ROSSATTO, 2002, p. 457.

Antioquia, Alexandria, Constantinopla e Roma. A tribo de Judá e a Igreja de Roma estão vinculadas em concórdia. De uma surgiu o Templo de Jerusalém; da outra, o sacerdócio real. Já as sete tribos finais de Israel dizem respeito às sete igrejas do Apocalipse. Tanto as tribos quanto as igrejas representam as idades do mundo.

12 – A dupla multiplicação de pão. Jesus multiplicou o pão por duas vezes. Numa primeira, cinco pães foram multiplicados. Na segunda, foram sete pães. Os cinco pães multiplicados indicam os cinco livros de Moisés e as cinco idades iniciais do mundo. Os sete pães indicam o setiforme livro do Apocalipse de João e as subdivisões da sexta idade do mundo (sete partes, com o *sabbat* incluído).

13 – As sete tribulações de Israel. A primeira foi a dos egípcios; a segunda, dos cananeus; a terceira, dos sírios; a quarta, dos assírios; a quinta, dos caldeus; a sexta, dos medos contra a Babilônia e Israel; a sétima, de Antíoco Epífane. Estas tribulações aconteceram historicamente para “mostrar o que deveria ser realizado de modo espiritual”<sup>16</sup>, já que se repetem na história da Igreja.

14 – Os selos revelam as tribulações. Uma perspectiva dupla de conflito apresenta-se de forma oculta na série de sete selos do Apocalipse. Cada selo indica tanto a tribulação de Israel quanto a tribulação da Igreja. O primeiro selo indica a primeira batalha de Israel e da Igreja: Israel batalhou contra os egípcios; a Igreja batalhou contra os judeus. O segundo selo contempla a guerra de Israel contra os cananeus, e da Igreja contra os pagãos. O terceiro selo revela a batalha de Israel contra os sírios, e da Igreja contra os persas, os godos, os vândalos e os lombardos. O quarto selo: Israel contra os assírios; Igreja contra os sarracenos. O quinto selo: Israel contra os caldeus; Igreja contra os novos caldeus e a nova Babilônia. O sexto selo: Israel contra os medos ou novos assírios; a Igreja, “de forma similar”. O sétimo selo: Israel contra Antíoco Epifânio; a Igreja contra o Anticristo.

Joaquim conclui este primeiro tratado evocando a Jerusalém Celestial, que ele iria discutir “mais delicadamente no final, na sétima parte da oitava seção”<sup>17</sup>. Como esta discussão em questão está ausente do *Praephatio*, é possível sugerir que pelo menos o primeiro tratado foi

<sup>16</sup> ROSSATTO, 2002, p. 460.

<sup>17</sup> ROSSATTO, 2002, p. 462.

preparado para apresentar uma obra maior, talvez o *Enchiridion*, já que o *Expositio in Apocalypsism* tem sua própria introdução.

O segundo tratado inicia com a frase: “Antes de dizer qualquer coisa sobre o livro do Apocalipse, devemos considerar que este livro está provido de um título, de uma saudação, de um prefácio”<sup>18</sup>. Isso faz com que o segundo texto esteja desconectado do primeiro. Cada tratado tem sua própria unidade interna.

Novamente apontamos uma estrutura, bem como uma síntese do conteúdo, deste segundo tratado:

1 – Esboço do Apocalipse de João. O último livro da Bíblia cristã está dividido em sete partes, começando com a seção das sete igrejas e terminando com a Jerusalém Celestial.

2 – O Apocalipse e os dias do Cristo ressurreto. As sete aparições do Cristo ressurreto estão vinculadas às sete partes do Apocalipse.

3 – O Apocalipse e as fases da história da Igreja. A primeira seção do Apocalipse trata das sete igrejas, e está relacionada com a atividade pastoral. A segunda seção trata dos sete selos, e descreve os sete conflitos da Igreja. A terceira seção apresenta as sete trombetas e tem relação com a fase dos doutores da Igreja. A quarta seção gira em torno da mulher vestida de sol e aponta para a fase dos eremitas e dos virgens. A quinta seção trata das sete taças e representa homens zelosos que lutam contra a maldade no mundo. A sexta apresenta a derrota da Babilônia, do Anticristo e de Satanás e representa o fim da maldade no mundo. A sétima descreve o juízo final e a Jerusalém Celestial, referências a eventos posteriores à consumação final da história.

4 – As ordens da Igreja encontradas nos selos do Apocalipse. Os quatro primeiros selos apresentam ordens da Igreja: os apóstolos ou pastores, os mártires, os doutores e os virgens. O quinto selo representa a Igreja Universal, de onde saem os homens zelosos do quinto tempo.

5 – As ordens se repetem nos selos. Não há exclusividade de uma ordem da Igreja para cada selo do Apocalipse. Numa mesma fase podem coexistir pastores, mártires, doutores e virgens.

6 – A ordem dos apóstolos ou pastores. É a primeira no tempo e em dignidade. É a ordem de Pedro.

---

<sup>18</sup> ROSSATTO, 2002, p. 462.

7 – O lugar de cada Ordem da Igreja. Há, no interior da história da Igreja, o tempo dos pastores, dos mártires, dos doutores e dos virgens. A estes se segue o quinto tempo, próprio dos monges, os homens piedosos da Igreja, e o sexto tempo, próprio aos conversos e aos casados. Cada ordem tem sua própria casa, mas sobrevive também no interior das outras casas.

8 – A atividade própria de cada Ordem da Igreja. Foi próprio dos apóstolos a produção do Novo Testamento; aos mártires, combater a idolatria em prol de uma única divindade; aos doutores, lutar contra as heresias e afirmar a ortodoxia; próprio aos virgens, vencer a luxúria do mundo; aos monges, animar os indecisos para conservar a unidade. São estas as cinco principais Ordens. Elas estarão presentes como partes especiais da nova Jerusalém. Nesta cidade, se agregarão ainda “a ordem dos conversos como pertencentes ao subúrbio e a dos casados como pertencentes aos bairros”<sup>19</sup>.

9 – A Ordem dos pastores na história. Cada parte do Apocalipse reproduz o mesmo esquema das cinco ordens, sucedidas pelos conversos e casados. A primeira parte do Apocalipse trata da ordem dos pastores, a primeira ordem. É a seção das sete cartas às sete igrejas. Cada igreja, por sua vez, se volta para um tempo, sucessivamente: dos apóstolos, dos mártires, dos doutores, dos virgens, dos monges, dos casados e conversos.

10 – A Ordem dos mártires na história. A seção dos selos do Apocalipse apresenta a ordem dos mártires, subdividida em sete fases, sete perseguições. Da mesma forma que a seção das cartas, a seção dos selos apresenta a história da Igreja inteira, agora com foco nas perseguições da igreja.

11 – A Ordem dos doutores na história. A ordem dos doutores foca na defesa da fé. No Apocalipse, manifesta-se na seção das trombetas; na história, nas sete fases sucessivas de combate a divergências dogmáticas: contra os falsos apóstolos judaizantes, contra os nicolaítas, contra os arianos, contra os maometanos, contra os paterinos, contra os falsos profetas do sexto tempo e, finalmente, contra os ministros do Anticristo.

12 – A Ordem dos virgens na história. A quarta parte do Apocalipse começa com a mulher vestida de Sol. Ela representa os eremitas e virgens. Vai do capítulo 12 até o capítulo 14 de Apocalipse. É a quarta fase

---

<sup>19</sup> ROSSATTO, 2002, p. 466.

da história da igreja, mas começa com Maria e João, o apóstolo. Nesta seção, a estrutura séptupla não é enfatizada, e Joaquim se detém a interpretar historicamente a besta, vinculando-a aos sarracenos.

13 – A Ordem dos monges na história. A quinta parte do Apocalipse é a seção das sete taças e vai do capítulo 15 ao 16. Fala da Igreja em geral, mas com foco nos cenóbios. A ênfase está na vida contemplativa. Dos cenóbios saem “homens espirituais que se encarregaram de zelar pelo nome de Deus, os quais, com grande indignação interior, condenam os delitos do povo e se derramam como um fogo de zelo sobre a massa pecadora”<sup>20</sup>.

14 – A sexta parte do Apocalipse. Esta seção trata da queda da Babilônia e a implantação da nova Jerusalém na terra. A Babilônia é um povo que se diz cristão, mas não é. É tempo de juízo sobre essa parte da igreja que “profana as coisas santas”<sup>21</sup>. Contra ela Deus levantará a besta, um povo terrível. Após este tempo de juízo e perseguição, será edificada a nova Jerusalém. No final desta fase ainda há espaço para uma curta e última rebelião do diabo, somente para ser definitivamente derrotado por Cristo.

15 – A sétima parte do Apocalipse. Em poucas linhas, Joaquim indica que após o encerramento das seis idades do mundo, paralelas às seis seções do Apocalipse, o que se segue é o juízo final e o *sabbat*, não mais na história, mas numa cidade celestial. Este segundo tratado termina abruptamente com esta breve menção ao final da história. A brevidade pode ser indicativa de que não é esta cidade o alvo das preocupações de Joaquim, mas o que lhe antecede. Em vez da cidade celestial, é a nova Jerusalém na terra o foco de suas reflexões e aspirações.

### **Uma nova igreja para um novo *aetatus***

A biografia de Joaquim o descreve repetidamente procurando o apoio e a aprovação da Igreja de Roma, ou de uma de suas ordens, no seu caso, os cistercienses. Após retornar da Palestina, pregou durante

<sup>20</sup> ROSSATTO, 2002, p. 470.

<sup>21</sup> ROSSATTO, 2002, p. 471.

certo tempo como eremita, mas cessou esta atividade com receio de estar exercendo um ofício sem autorização eclesiástica. Após sua inserção em Corazzo, quer escrever, mas novamente procura autorização para tanto. Como não a conseguiu das autoridades cistercienses, foi em busca do papa. E mesmo no final da vida, já com o apoio do Imperador, ainda encaminha suas obras para a autorização de Inocêncio III. Com exceção deste último, sua relação com os outros papas foi amistosa. O seguinte trecho do *Praephatio* é indício deste aspecto de sua relação com a Igreja de Roma:

A primeira ordem da Igreja é a dos pastores, primeira, digo, quanto ao tempo e a dignidade. Primeira no tempo, não porque decaiu logo após ter começado, a fim de que se iniciasse a segunda, mas é a primeira porque foi iniciada por primeiro. Iniciou-se, pois, com Cristo: de Cristo a Pedro. Mas precisamente, este início se dá depois de Cristo, o príncipe de todos os pastores. E não é necessário demonstrar com palavras que a sua ordem é a primeira em dignidade, tendo em vista que não deve ser julgado católico quem está a sustentar que um cristão, por maior que seja o seu cargo ou a sua virtude, não está submetido ao romano pontífice<sup>22</sup>.

Joaquim, então, não é um sectário. Se expressões como as acima mencionadas não são frequentes, pelo menos aparecem de forma recorrente nos seus escritos. A carta que o abade de Fiore escreveu para Inocêncio III o demonstra com clareza<sup>23</sup>.

Mas se Joaquim é explicitamente defensor da Igreja, sua visão da história humana caminha na direção contrária. Há vários esquemas estruturadores em Joaquim. Um divide a história em três partes: a idade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Um outro segue o esquema tradicional das seis idades do mundo. Tanto num quanto noutro, o presente é melhor do que o passado, e o futuro será melhor do que o presente. Em termos institucionais, no passado o povo de Deus se reuniu em Israel; no presente, reúne-se na Igreja; no futuro, numa nova Jerusalém.

<sup>22</sup> ROSSATTO, 2002, p. 465.

<sup>23</sup> Esta carta foi colocada por Joaquim como apresentação do seu *Expositio*. Uma tradução pode ser encontrada em: MC GINN, 1985, p. 140-142.

Um esquema como este prevê não apenas um fim para o *aetatus* de Cristo, para dar lugar ao *aetatus* do Espírito. Espera também uma nova igreja, quando sua estrutura sacerdotal dará lugar para novos *virii spirituales*.

No esquema do abade, não é o Filho a esperança dos fiéis, e sim o Espírito. O tempo do Filho já estava passando, e o que se seguiria era muito melhor. O reino do Espírito é melhor do que o reino do Filho, porque lhe sucede e ultrapassa. Esse reino do Espírito iria irromper na história para transformar as pessoas e instituições dentro da história, bem como as relações entre essas pessoas. Nos termos do *Praephatio*: era oportuno que “o gênero humano voltasse gradativamente a conhecer o seu Criador, de tal modo que, num primeiro momento preciso, lançasse raízes no Pai, num segundo, germinasse no filho, e, num terceiro, experimentasse a doçura do fruto do Espírito Santo”<sup>24</sup>.

Joaquim recorreu ao simbolismo do ciclo vegetal em vários momentos. A história é como uma árvore. Uma planta não apenas se desenvolve, mas também morre. Seu ciclo envolve nascimento, crescimento e morte. A realização da história se dá, então, por *Initiatio*, *fructificatio* e *consumatio*. *Iniciatio* é o início, nascimento. *Fructificatio* é concepção, no sentido de trazer à luz, de *clarificação*. *Consumatio* é o limite, o fim, o término, o declínio. A história é nascimento, frutificação e declínio<sup>25</sup>.

O período posterior é sempre mais adiantado do que o anterior, mas também terá um fim. Quando esse processo terminará? Quando a história encerrar, no fim do mundo, no momento do segundo advento de Cristo e do juízo final. A imagem conhecida como *Círculos Trinitários*, Táv. XI do *Liber Figurarum*<sup>26</sup>, ilustra este aspecto. O desenho apresenta três círculos. Cada círculo representaria uma fase da história sob a direção de uma das pessoas da Trindade. Como antes do círculo do Pai Joaquim escreveu o nome de Adão, e após o círculo do Espírito, apontou o “fim do mundo”, o conjunto dos círculos pretende descrever estruturalmente

<sup>24</sup> ROSSATTO, 2002, p. 454.

<sup>25</sup> BAUCHWITZ, Oscar Federico. A história em Joaquim de Fiore. *Princípios*: revista de filosofia, Natal, v. 1, n. 1, 1994, p. 119.

<sup>26</sup> O *Liber Figurarum* é uma coletânea de figuras e imagens do abade. Algumas já haviam aparecido no interior de seus livros. Outras aparecem exclusivamente no *Liber*. Cf. REEVES, Marjorie. The figurae of Joachim of Fiore. Genuine and spurious collections. *Medieval and Renaissance Studies*, vol. III, 1954, p. 199.

a história da humanidade, desde o princípio (Adão representa o primeiro ser humano criado) até o fim dos dias (período do juízo final). Joaquim espera um fim para a história. Sem a existência do tempo, a história terminaria mergulhada na transcendência da própria divindade que a conduziu.

Mas enquanto houver história, haverá desenvolvimento. Por isso a Igreja da Era do Filho vai passar, para que outra venha a surgir em seu lugar.

### Referências Bibliográficas

- BAUCHWITZ, Oscar Federico. A história em Joaquim de Fiore. *Princípios*: revista de filosofia, Natal, v. 1, n. 1, 1994.
- BERNARDI, Orlando. Comentário ao Apocalipse (Expositio in Apocalypsin). Joaquim de Fiori. *Scintilla*, Curitiba, v. 7, n. 2, 2010, p. 229-257.
- BURGER, Edward K. *Joachim of Fiore: Enchiridion super Apocalypsim*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1986.
- DANIEL, E. Randolph. *Abbot Joachim of Fiore. Liber de Concordia Novui ac Veteris Testamenti*. Philadelphia: The American Philosophical Society, 1983, p. xi-xxii.
- HUCK, Johannes. *Joachim von Floris und die joachitische Literatur*. Freiburg: Herder & Co., 1938.
- JOAQUIM VON FIORE. *Expositio in Apocalypsim*. Frankfurt: Minerva, 1964.
- MC GINN, Bernard. *The Calabrian Abbot. Joaquim of Fiore in the History of Western Thought*. New Yourk: Macmillan Publishing Co., 1985.
- MC GINN, Bernard. *Visions of the End: Apocalyptic Traditions in the Middle Ages*. New York: Columbia University Press, 1979.
- REEVES, Marjorie. The figurae of Joachim of Fiore. Genuine and spurious collections. *Medieval and Renaissance Studies*, vol. III, 1954.
- REEVES, Marjorie. *The influence of prophecy in the later Middle Ages: a study in Joachimism*. London: University of Notre Dame Press, 1993.
- ROSSATTO, Noeli Dutra. Introdução ao Apocalipse. *Veritas*, Porto Alegre, v. 47, n. 3, 2002, p. 453-471.
- SELGE, Kurt-Viktor. *Gioacchino da Fiore – Introduzione all'Apocalisse*. Roma: Viella, 1995.

- TAGLIAPIETRA, Andrea. *Gioacchino da Fiore: Sull'Apocalisse*. Milano: Feltrinelli, 2008.
- TRONCARELLI, Fabio. *Gioacchino da Fiore: la vita, il pensiero, le opera*. Roma: Città Nuova Editrice, 2002.
- WEST, Delno C.; ZIMDARS-SWARTZ, Sandra. *Joachim of Fiore: a Study in Spiritual Perception and History*. Bloomington: Indiana University Press, 1983.

Submetido em: 14/05/2014

Aceito em: 19/05/2015